

# *Vítimas da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes:*

## *Indicadores de Risco, Vulnerabilidade e Proteção*

### Resumo Executivo

Apoio:



Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos  
Equipe Executora: Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos, Ms. Andreína Moura, Ms. Jaqueline Maio, Profa. Ms. Monise Serpa, Profa. Ms. Sarah Baia.

Realização:

**CHILDHOOD**

PELA PROTEÇÃO DA INFÂNCIA  
[www.wcf.org.br](http://www.wcf.org.br)

**E**ste estudo exploratório avaliou o contexto de risco e vulnerabilidade e os indicadores de proteção para meninas e meninos envolvidos na situação de Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (ESCA), assim como as possíveis consequências para as vítimas. Pela primeira vez no país, realizou-se uma investigação sobre este tema numa perspectiva multimétodo (dados qualitativos e quantitativos) e multicêntrica, com amostras de todas as regiões do Brasil.

## Amostragem

O método de amostragem inspirou-se na técnica do *Respondent-Driven Sampling (RDS)*, cuja tradução aproximada pode ser Amostragem Conduzida pelos Entrevistados. Foram utilizadas tecnologias inovadoras a partir dos princípios da teoria de Markov, segundo a qual longas cadeias de referência de indivíduos produzem uma amostra final independente daqueles que a iniciaram. A amostra pode trazer informações de boa qualidade e de forma rápida, possibilitando uso imediato dos resultados.

## Participantes

De um total de 110 entrevistas, foi validada a participação de 69 crianças e adolescentes de oito estados (PA, SE, RN, PI, BA, SP, MT e RS), vítimas da exploração sexual, com faixa etária entre 10 e 19 anos e predomínio de meninas (66). Todos tinham vínculo com instituições de atendimento. Garantiu-se, assim, uma prerrogativa ética no estudo com populações em situação de risco – o atendimento para vítimas que tenham lembranças traumáticas. Crianças e adolescentes foram informados de que poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo. Informações pessoais foram manejadas de forma anônima e confidencial.

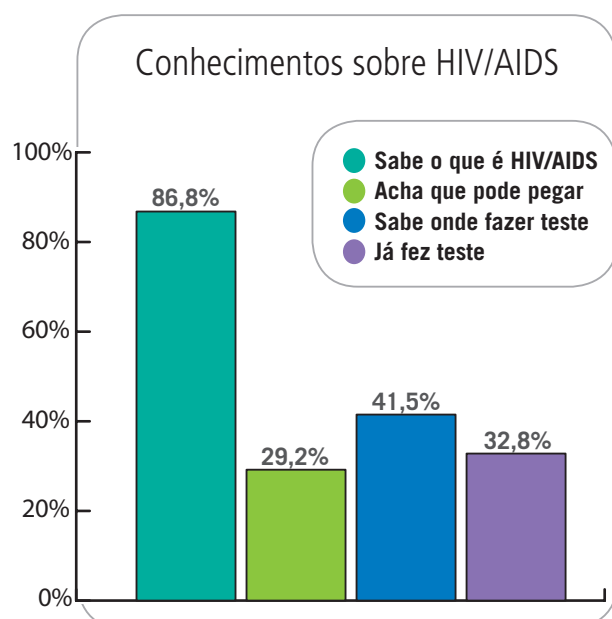
Os participantes se autoidentificaram segundo a raça: 57,4% como pardos; 23,5%, negros; 16,2%, brancos, e 2,9%, amarelos. Sobre as relações familiares, 88,2% residem com a família, apesar de terem um vínculo institucional. Mais de 20% dos participantes não residem com a mãe e mais de 70% não residem com o pai. A maior parte dos pais e mães tem somente es-

colaridade de nível fundamental incompleto. A renda média familiar foi de R\$ 439,63, valor acima do adotado pelo Banco Mundial, por exemplo, para definir a miséria, em torno de US\$ 100 por família. Apenas 30% dos participantes relataram trabalhar para obter renda pessoal ou familiar.

## Saúde, drogas e suicídio

Cerca de 30% das participantes meninas já passaram por pelo menos um episódio de gravidez. Da amostra total, 17% já perderam um ou mais filhos em abortos naturais (6%) ou provocados (11%). Apenas 5,8% delas vivem com seus filhos. Preconceito foi o maior impacto sofrido pelas grávidas, seguido pelo sentimento de vergonha. Um terço das participantes disse ter parado de estudar em decorrência da gravidez e 21,7% delas afirmaram que foram expulsas de casa.

Embora a maioria das crianças/adolescentes tenha afirmado saber o que é HIV/AIDS, apenas metade disse saber onde é feito o teste. Um percentual ainda menor disse já ter feito o teste e apenas 29% das respostas expressaram a real preocupação por ser contaminada. Do total da amostra, 32,8% já fizeram o teste de HIV/AIDS. Entre estes, 8% relataram ser HIV positivo.



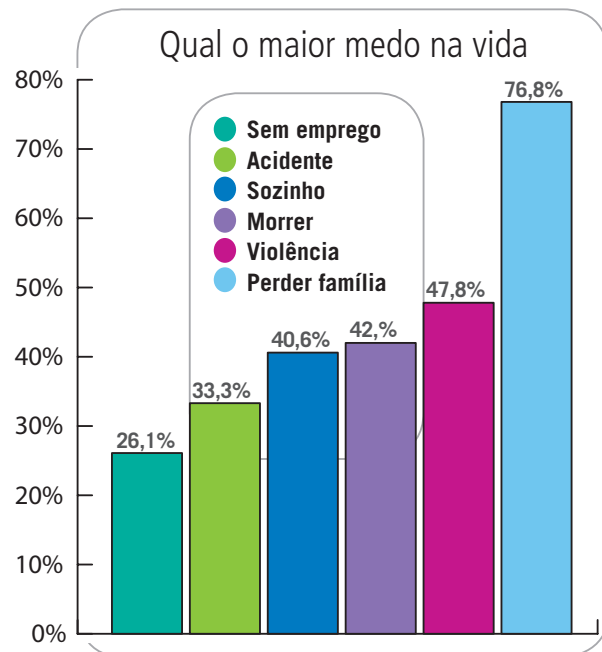
Ao longo da vida, as drogas mais experimentadas foram as lícitas (álcool, 88% e cigarro, 63%). Dentre as ilícitas, destacam-se a maconha (32%), os inalantes (32%, cola e loló, por exemplo) e os remédios, 23%. Diante da “fissura” por consumir droga, o comportamento mais citado (36%) foi o de “transar” a fim de conseguir dinheiro para ter acesso à droga.

Entre os participantes, 60,9% relataram já ter pensado em suicídio. Destes, 58,1% tentaram praticá-lo. O percentual é mais de dez vezes maior do que o relatado por jovens em situação de risco no Brasil, cerca de 6%, e mostra uma situação alarmante para a população investigada. As principais motivações dadas foram os “problemas familiares” e a “falta de sentido para viver”. Neste grupo, 20% dos casos de tentativa de suicídio relataram a violência sexual sofrida como o principal motivo.

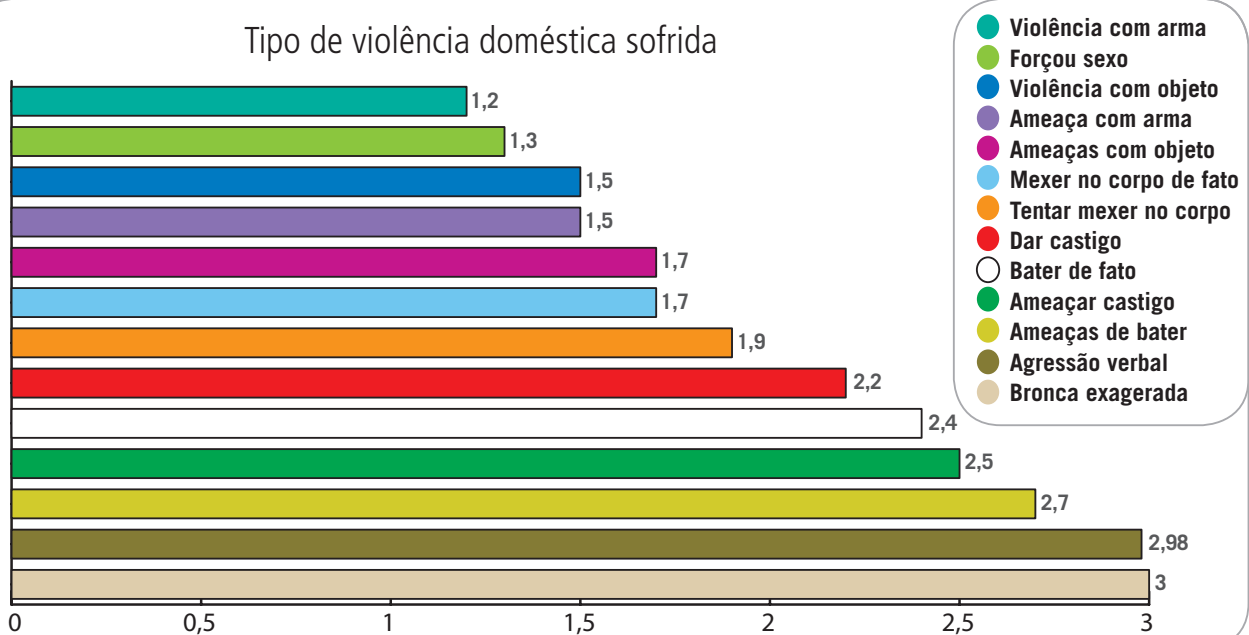
## Violência doméstica e na comunidade

Abaixo, a figura apresenta os tipos de violência doméstica sofrida pelos participantes e sua intensidade em uma escala que variou de 1 (muito raramente) a 5 (muito frequentemente). As broncas exageradas, agressões verbais, ameaças de bater e tentativas de mexer no corpo apresentam os maiores índices.

Na questão em que avaliaram a segurança na comunidade usando uma escala que variava de 1 (muito insegura) a 5 (muito segura), os participantes atribuíram um valor médio de 2,5 (entre “insegura” e “mais ou menos segura”). Destacaram altos percentuais de violência policial (14,7% dos participantes), assassinatos (55,2%), batidas policiais (64,2%), tiroteios (58,2%) e tráfico (82,1%).



## Tipo de violência doméstica sofrida





## Sexualidade

Sobre relacionamentos afetivos, 14,5% disseram que nunca namoraram, 49,3% já namoraram no passado e 36,2% namoravam no momento em que a pesquisa foi realizada. A média de idade do namorado(a) atual é de 20,26 anos. A média de idade para a primeira relação sexual foi de 13 anos, muito abaixo da média nacional para juventude em situação de risco, de 14,5 anos. Já a média de idade para o parceiro nesta primeira relação foi de 21 anos.

Quanto à descrição a respeito da sensação de quando fazem sexo, o “prazer” foi a resposta mais citada (88%), seguida de “nojo” (16,3%) e “raiva” (16,3%). Os participantes afirmaram majoritariamente ter tido de 1 a 2 relações sexuais no último ano (44,44%). Outros 20,36% disseram ter tido de 3 a 10 relações sexuais, enquanto 7,4% disseram ter tido de 11 a 20 relações e outros 7,4% dos participantes relataram mais de 20 relações no último ano. Sobre a parceria sexual, 59% afirmaram ter ou ter tido parceiro sexual fixo e 45,5% disseram que têm parceiro sexual não fixo.

## Violência sexual e consumo

A violência sexual contra crianças e adolescentes não se constitui apenas em penetração genital. Entre os tipos mais frequentes estão: as conversas sobre sexo (74,2%), a manipulação de partes íntimas do corpo da criança/adolescente (50,7%) e/ou ter pedido para ser tocado (43,1%). Há altos percentuais de violência sexual cometidos por colegas, amigos da família e namorados. Nas situações de ESCA, as formas de “pagamento” mais frequentes são favores (14%), presentes (26,2%) e dinheiro (82,2%).

O valor médio pago em dinheiro foi de R\$ 37,00 (variando entre R\$ 10,00 e 150,00). Sobre o uso que fazem do dinheiro, a maior parte das respostas refere-se à compra de objetos de uso pessoal (65%) e para o auto-sustento (40%). Um menor percentual de entrevistados afirmou usar o dinheiro para comprar drogas, ajudar a família, dar para alguém e sustentar a família.

Os altos percentuais de violência sexual cometidos por colegas, amigos da família e namorados(as) levam ao questionamento de até que ponto formas violentas de relacionamento estariam permeando as relações dessas crianças/adolescentes com aqueles de quem se esperaria cuidado e proteção. Quanto ao local onde a exploração sexual costuma ocorrer, o motel foi referido em 45,7% das respostas; em seguida, casa (24,4%), rua (20,5%), bar/bordel (17,8%) e posto de combustível (10,9%).

## As instituições

Quase a totalidade (95,5%) das crianças/adolescentes já ouviu falar sobre o Conselho Tutelar. Percentual menor (60%) disse conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o disque-denúncia contra a violência sexual e delegacias especializadas na infância e juventude. Quanto ao nível de confiança nas instituições, o maior foi atribuído àquelas em que estavam sendo atendidos durante o momento da entrevista. Em seguida, destacou-se a confiança na família e no Conselho Tutelar. O menor nível de confiança foi atribuído à polícia e à prefeitura. Percebe-se que o grupo que está na escola tem melhores níveis de autoestima e menores níveis de depressão.



## Análises comparativas

O estudo fez algumas análises comparativas entre aqueles que já não estão mais envolvidos com ESCA e os que continuam em situação de ESCA. Foram testadas as variáveis: idade dos participantes, renda familiar, vinculação com a escola, idade da primeira relação sexual, episódio de abuso sexual e religiosidade. Os dados mostram que só há diferença estatística significativa para a idade da primeira relação sexual. Isto é, existe uma associação entre menor idade para iniciação sexual e a situação presente de ESCA. Tal fato está vinculado à possibilidade de abuso sexual na primeira relação.

Houve diferenças para as outras variáveis, embora sem relevância do ponto de vista estatístico. O grupo que ainda se encontra em situação de ESCA apresenta média de idade mais alta (15,32 anos) e teve a primeira relação sexual mais cedo (12,7 anos). Também tem menos vínculo com a família (53%), está fora da escola (34,1%) e possui renda familiar mais alta (R\$ 457,00). Seu nível de religiosidade é mais baixo (2,8 pontos em uma escala de 1 a 5) e sofreu mais abuso sexual (média de 1,43 em uma escala de 1 a 5).

É importante considerar que os participantes deste estudo constituem uma parcela diferenciada por estarem em situação de atendimento e residirem em centros urbanos onde alguns serviços devem ser prestados com maior acesso. Entretanto, é revelador o fato de que existem indicadores que apontam para uma diferença entre os grupos, com destaque para a idade da primeira relação sexual e o fato de ter sofrido abuso.

## Síntese

**O papel da família aparece com destaque** no estudo. A maior parte das vítimas ainda mora com a família, mesmo tendo relatado história de abuso intrafamiliar e envolvimento de pais, mães e irmãos na inserção e manutenção da ESCA. Percebe-se, em geral, uma família abusadora e conivente, mas que não é atendida por nenhum tipo de intervenção. Daí a importância dos investimentos na qualidade do vínculo familiar.

O percentual de participantes que declara a exploração com ganhos financeiros aumentou de 60% no passado para 65% no presente. Essa constatação é preocupante, pois indica que, **mesmo estando nas instituições, essas crianças/adolescentes continuam se envolvendo na ESCA**. Algumas instituições se recusaram a colaborar com o estudo.

Chama a atenção o fato de que o **acesso a bens de consumo e drogas** é o principal destino dado aos ganhos oriundos do envolvimento com a situação de exploração sexual. É clara a relação que as próprias vítimas fazem entre a manutenção da exploração e o “benefício” econômico trazido. As tentativas recorrentes de suicídio servem de alerta para que este tema seja trabalhado com urgência junto às vítimas de ESCA.

**De maneira positiva, destaca-se a instituição escolar** como rede de apoio eficaz (indicador de proteção). Os dados indicam que escola parece ser a principal variável para aumento da auto-estima, qualidade de vida e afastamento da situação de exploração.

Concluimos que **o enfrentamento da ESCA não pode se restringir a um único espaço institucional, nem ainda a ações isoladas** ou que alcancem somente a criança/adolescente em questão. É cada vez mais importante o desenvolvimento de ações macrossociais em diferentes níveis (família, escola, comunidade, sociedade em geral) para que as instituições possam trabalhar em rede na proteção dessas crianças e adolescentes.

